

Ano 6, Vol XI, número 1,2013, pág. 172-192.

## SER-DOCENTE E A VIVÊNCIA DO PARADOXO PRAZER E SOFRIMENTO NA ESCOLA

Ewerton Helder Bentes de Castro<sup>1</sup>

Bárbara Rebouças Alencar<sup>2</sup>

Márcia Pereira de Carvalho<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Professor Dr. da Faculdade de Psicologia/UFAM

<sup>2</sup> Psicóloga. Mestranda do Curso de Pós-graduação em Psicologia/UFAM

<sup>3</sup> Psicóloga.

### RESUMO

O ambiente escolar pode ser vivenciado pelo professor sob dois aspectos, o que gratifica e o que gera sofrimento. Este estudo intitulado “Ser-docente e a vivência do paradoxo prazer e sofrimento na Escola” objetivou compreender a vivência do exercício docente no ensino fundamental em uma instituição de ensino privada sob a ótica da psicologia fenomenológico-existencial. Foram participantes cinco professoras. A pesquisa é no viés qualitativo e foi utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia. Os dados foram obtidos através de entrevistas áudio-gravadas e partiu de uma questão norteadora e em seguida transcritas íntegra e literalmente permitindo elaborar Categorias de Análise que foram analisadas a partir do referencial teórico da Psicologia Fenomenológico-Existencial. A pesquisa propiciou desvelar o fenômeno ser-no-mundo-sendo docente em escola privada e permitiu perceber a dimensão da vivência, plena de facticidades, ora agradáveis, ora desagradáveis, sendo estas últimas as maiores causadoras de sofrimento no fazer profissional docente.

**Palavras-chave:** Docentes, Ambiente escolar, Prazer e Sofrimento Psíquico, Psicologia Fenomenológico-Existencial.

### BEING-LECTURER AND THE LIVING OF SUFFERING AND PLEASURE AT SCHOOL

#### ABSTRACT

The school environment can be experienced by the teacher under two aspects: what self-rewards and what increases suffering. This study named by “*Being-Lecturer and the living of suffering and pleasure at School*” aimed to comprehend based on existential-phenomenology psychology, the personal living of teaching in basic education of a private school. Five female teachers were the participants. This research is under a qualitative bias and was used the Psychology phenomenological research method. The data was collected, literally and fully transcribed through audio-recorded interviews that came from a leading question, that enabled create Analysis Categories examined from Existential-Phenomenology Psychology theoretical background. The study provided uncovering the phenomenon of *being-in-the-world-being* a lecturer of a private school; also provided perceive the extent living full of facticities, sometimes pleasant and sometimes unpleasant, what is the main factor of suffering in teaching working.

**KEY WORDS:** Lecturer, School Environment, Psychic Suffering and Pleasure, Existential-Phenomenology Psychology.

## INTRODUÇÃO

A visão disseminada pelos meios de comunicação de massa acerca do trabalho docente em nosso país é uma imagem difundida para que as pessoas tenham uma noção da problemática existente, problemática essa que só pode ser compreendida com maior densidade apenas por aqueles que estão envolvidos cotidianamente com o ofício de professor.

Entendemos que a partir desse contexto, que se caracteriza pela intensificação da universalização da educação sem levar em conta a qualidade da educação proporcionada, surgiu o grande número de pesquisas relacionadas à temática exposta. Pesquisas essas que procuram entender o porque da educação brasileira está precarizada e qual o impacto dessa precarização na saúde física e mental do professor (Antony, 2010; Abromovay, 2006; Aguiar, 2008; Jorge & Kowalski, 2008).

Para Aguiar (2008) o ambiente de trabalho deveria ser fonte de prazer, entretanto, esse lugar tem se transformado em fonte de adoecimento para o profissional da educação. O mesmo autor diz que o sofrimento do professor não se restringe somente a uma causa biológica, pois, este ser de ordem psíquica subjetiva e relacional. Diz ainda que o professor, ao mesclar os acontecimentos da vida profissional com da vida pessoal, descreve o exercício do magistério como um lugar de sofrimento.

Lemos (2009) aponta como uma das causas para a demolição profissional e pessoal do professor, o desinteresse dos alunos, que, além de ser

uma experiência de confronto, tem o poder de destituir o mestre de sua posição, pois ao se negarem a aprender, denota o fracasso, não somente do aluno, mas, sobretudo do professor.

Além disso, de acordo com Abramovay (2006) os professores também tornam-se adoecidos, diante de alunos cujos comportamentos, considerados inadequados pela agressividade neles presentes, prejudicam o bom relacionamento entre eles, alunos, e os professores.

Outra queixa, bastante corriqueira, segundo Abramovay (2006) são as agressões sofridas pelos professores em seu ambiente de trabalho, que tanto fere a identidade profissional como proporciona um ambiente, cotidiano, de tensão. O estudo de Gasparini, Barreto e Assunção (2005) apud Jorge e Kowalski (2012), em relação ao professor, mostra que a dinâmica do trabalho e as condições em que o trabalho é desenvolvido, podem causar efeitos na saúde do docente. O estudo promovido por Soratto e Pinto apud Lyra et al. (2012) aponta que as relações sociais no ambiente escolar estão comprometidas por parte de exigências combinadas com a falta de cooperação dos professores por não quererem assumir mais responsabilidades, já que os mesmos estão sobrecarregados com várias turmas e com a correção de atividades. Tal situação compromete a qualidade da educação, pois os profissionais não podem estar verdadeiramente comprometidos devido a preservação de sua própria saúde.

O presente estudo tem como objetivo compreender a vivência do exercício docente no ensino fundamental em uma instituição de ensino privada

sob a ótica da psicologia fenomenológico-existencial e utiliza o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia.

## **MÉTODO**

A pesquisa é de natureza qualitativa, o estudo é retrospectivo e exploratório, e a metodologia empregada foi de inspiração fenomenológica.

### **Participantes**

Foram consideradas participantes da pesquisa, 5 professoras, que no momento da pesquisa estavam desenvolvendo suas atividades profissionais na instituição.

Utilizou-se o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia com entrevista que partiu de uma questão norteadora. As entrevistas foram áudiogravadas e em seguida transcritas literal e integralmente, identificadas as Unidades de Significado e elaboradas as Categorias de Análise.

A pesquisa cumpriu todos os procedimentos éticos desde a aprovação junto ao Comitê de Ética e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O exercício profissional de ser-docente em escola privada apresenta, nas falas dos participantes, dois aspectos antagônicos e que demonstram como e ao mesmo tempo, essa atividade é paradoxal. Esse paradoxo é percebido quando os participantes ressaltam a coexistência de situações de prazer e de sofrimento na sua atuação enquanto profissionais da educação.

## Situações de prazer

A concepção de prazer está relacionada com os resultados observados no desenvolvimento de seus alunos, o envolvimento destes nas atividades, o que resulta em alegria e contentamento.

[...] as realizações do seu trabalho, quando você vê o seu trabalho sendo realizado está acontecendo, o que você planejou, é os seus alunos sempre envolvidos aprendendo com aquilo, aí você sente esse prazer, esse sentimento de prazer, de alegria, de vontade [...] (01)

E mesmo considerando que o que faz ainda é pouco, amar o que faz sintetiza a dimensão do prazer no exercício docente:

[...] eu amo o que faço é quando você ama o que faz por mais que seja pouco, além do que estão pagando por aí mas você está feliz porque você está recebendo no que você ama fazer. (01)

O reconhecimento proveniente dos pais no sentido de que estes últimos estão felizes pelo processo de aprendizado de seus filhos e percebendo a amplitude do saber resultante da atuação do docente:

Os pais vem falar para você, reflete em casa e as vezes os pais chega: *minha filha agora age diferente, minha filha disse que a senhora explicou desse assunto. Fico muito feliz. Ela agora está melhor, tá sabendo lidar melhor com determinados assuntos.* Então eu fico feliz, né? (03).

A constatação de que aquele aluno que era 'problema' e que conseguiu a partir do esforço despendido ampliar o conhecimento anteriormente incompreendido é manifesto na fala a seguir:

Agora o prazer, é realmente assim quando ele chega (esse mesmo aluno que às vezes age ruim com você) e diz: *ah professora, sabe aquilo que a senhora estava explicando? Eu aprendi a fazer. Sabe, então isso vem a ser o prazer (03)*

Forghieri (2004) revela que o Ser-no-mundo vivencia o que denomina como maneiras de existir. Um delas é a maneira sintonizada de existir que é caracterizada pelo vivenciar momentos de sintonia e tranquilidade, quando nos encontramos agradavelmente envolvidos em algo ou com alguém. E, neste caso, apresenta-se como a sensação de prazer relacionada ao resultado do exercício docente quer na fala dos pais, quer na fala do discente.

As falas permitem perceber a manifestação mais profunda dessa maneira sintonizada de existir e que consiste na vivência de completa harmonia de nosso existir no mundo; Buber (1977) a denomina de relação Eu-Tu. Esta pode surgir em nosso contato com a natureza, no encontro com nossos semelhantes que nos discursos estão expressos no reconhecimento trabalho realizado com os alunos.

Percebe-se nas falas a atribuição de sentido, de significado ao trabalho docente. O “mundo-da-docência” adquire significado e, conforme pressupõe Sapienza (2004) apesar das dores orgânicas – que inclusive os animais sentem – somente o homem, como ser-no-mundo, atribui sentido, significado. O reconhecimento de seu trabalho permite que os docentes caminhar diante de tantos percalços que encontram em sua atividade laboral. Assim, quando falamos em sentido das coisas da vida tocamos na questão dos valores, pois alguém vê sentido em caminhar na direção de algo que valoriza.

## Situações de sofrimento

### a) As pressões geradoras de angústia

Percebe-se a partir das falas dos participantes que vários elementos se constituem em fatores propiciadores de sofrimento psíquico no trabalho dos professores, assim temos: expectativas que o docente criou para sua atividade profissional e que não conseguiu realizar; as cobranças oriundas das mais variadas fontes; o “tradicionalismo” da escola. Todos esses fatores geram angústia, estresse e desânimo nos docentes, conforme se pode observar nos discursos a seguir onde se constatam:

São as pressões que limitam e levam à frustração que se faz presente continuamente:

É... você se prepara... você cria ilusões, você cria expectativa! você ver as coisas se tornando possível e quando você vai fazer esse impossível acontecer você é limitada, não tem recurso, não tem disposição, não tem o tempo devido necessário, há outras coisas á fazer, há N coisas a serem resolvidas. Então isso tudo vai frustrando você, porque quando você entra em uma sala de aula, você pode até estar a 10, 5 anos na mesma instituição [...] você criou essa expectativa então vem a frustração de uma forma ou de outra, você acaba realmente levando a frustração a isso é o que e o pior acaba se passando mês, mas aquela frustração não sai, porque você sempre lembra (01)

O trabalho docente é realizado em uma instituição que prima pelo `ensino tradicional`, onde a criatividade e a inovação não podem ser

vivenciados em decorrência do excesso de conteúdo a ser ministrado em sala de aula. E isto é causador de sofrimento:

As escolas a maioria dizem que não são mais tradicionais, mas no fundo elas estendem muitos conteúdos, muitos livros, muito material que você tem que ficar ligado, e você fica sem espaço para inovar. Eu trabalho com muitos materiais diferentes porque você já tem um material na sala que ele esta pré-estabelecido né?. Então isso eu acho que dificulta muito, porque são muitos livros, por exemplo: na minha turma do 2º ano são muitos livros, além tem mais 10 paradidáticos para dar conta [...] (02)

A `pressão` surge a partir da cobrança por atingir as metas pressupostas pela instituição e isso acarreta sofrimento por não conseguir atingir o aluno, culminando na sensação de incompetência, levando o docente a questionar a validade do trabalho desenvolvido, a desconfiar de sua capacidade e, conseqüentemente, sentir-se mal por essa situação:

Quando ocorre a cobrança, o que eu procuro fazer é que posso melhorar se eu não conseguir atingir o aluno, então que outro caminho eu tenho para atingir aqueles alunos. Realmente fico triste, poxa não estou conseguindo fazer, não sou competente (a palavra vem da questão incompetência). [...] Fico questionando, o que estou fazendo de errado? E começa a desconfiar do seu trabalho, aí vira uma bola de neve e você acaba se sentindo mal (03)

Frustração. É o que o docente vivencia diante da falta de condições variadas, inclusive estruturais. E esta situação propicia o surgimento do estresse que provoca sofrimento, levando o professor a pensar em desistir, haja

vista a situação-limite em que vive como ressalta o discurso a seguir: a vivência do paradoxo sonho-sofrimento; alegria-tristeza.

Uma frustração muito grande de você querer fazer uma coisa e perceber que o seu trabalho muitas vezes é até em vão, por inúmeras situações. Você sabe que pode fazer mais, mas não pode. Na verdade não faz porque não tem condições práticas, condições físicas do ambiente escolar e outras situações que acabam acarretando problemas no nosso desenvolvimento do trabalho [...] O estresse é muito alto. No limite, na verdade a gente está sempre no limite. Tem dias que você chega a querer jogar tudo fora, a desistir, tem momento que você acha que não vale a penas mesmo sair de casa pra fazer o trabalho que você está fazendo. Só que depois você se acalma e aí começa tudo outra vez, até o estresse chegar no limite. Mas é um sofrimento. É sonho-sofrimento o tempo inteiro isso, é alegria tristeza alegria tristeza frustração o tempo todo junto (04)

E esse processo culmina em desânimo. Diante de situações adversas a realização de seu trabalho como docente é questionado, a educação é questionada, considerada à conta de farsa:

Desânimo. Essa é a palavra, desânimo. Você não sente vontade de ensinar. Por que ensinar se não quer aprender? Pra que tentar algo que já se impregnou em todo brasileiro? Pra que continuar numa área em que eu não acredito que não dê certo mais? A educação no Brasil é uma farsa. É uma verdadeira farsa no meu pensamento! (05)

Ser-no-mundo é vivenciar o dia a dia, o cotidiano imediato a partir de situações que vem de encontro ao que fora anteriormente prescrito ou

sonhado. E, esse processo termina por causar uma sensação que, para os participantes deste trabalho, resultam em uma série de concepções cujo significado é o de sofrimento em seu ambiente de trabalho.

É possível que os entraves alinhavados por eles em suas falas, sejam o resultado das interferências com as quais não conseguem conviver, por não aceitá-las. E, ao não aceitar, não conseguirem o convívio salutar com esses fatores desagregadores, sentem-se, literalmente, como fala Heidegger (2002) jogados no mundo, lançados no mundo. Não existe chão. E nesse momento a escolha realizada tende a ser questionada, tendo em vista que o resultado não é exatamente o que sonhou. Nesse ínterim, a partir dessa vivência, lança mão de seu aspecto racional e “teoriza” acerca da situação que está ocorrendo, o que pressupõe o dito por Forghieri (2004) que, enquanto ser-no-mundo, o homem tem a maneira racional de viver, e esta é expressa na teoria que desenvolve a partir de sua vivência. E isso é percebido quando surgem as conotações de “estresse”, “desânimo”, “frustração” nas falas dos participantes.

#### **b) Indisciplina e agressividade: origem de mais sofrimento**

Um dos principais problemas que o docente tem que lidar na sua prática pedagógica é a questão da indisciplina por parte dos alunos. Indisciplina essa potencializada por uma cultura de impunidade que está calcada na inércia da gestão escolar e do apoio pedagógico, na negligência dos pais em estabelecer limites a seus filhos e na falta de uma legislação dentro da escola que fomente um modelo de disciplina a ser seguido. Tudo isso resulta em alunos cada vez mais indisciplinados e que esquecem seu papel dentro do contexto escolar, resultando no desafio à autoridade do docente através de atos

inapropriados ao ambiente de sala de aula. Atualmente, é comum a agressão verbal e física contra professores e contra colegas de escola por parte dos alunos, entre outras atitudes. E na concepção dos próprios docentes estes é um fator de origem do sofrimento psíquico no trabalho docente, conforme expresso nas falas a seguir:

Porque tem alunos que não deveriam estar no colégio e continua no colégio e não recebe nenhum tipo de punição, os alunos continuam fazendo as mesmas coisas todos os dias ele repete é a escola acaba dando prioridade para aluno, eu não sei por que! (02)

e a questão da angústia é mais esta questão de disciplina, do comportamento [...] É mais a questão da disciplina, do comportamento do aluno. (03)

Com os maus tratos que a gente sofre em sala, acham que o filho ainda está certo. Isso inibe a nossa posição de professor! [...] E aí encadeia, o aluno está com problema passa dos colegas. Os colegas por serem amigos sofrem junto, e pronto, a aula não flui. Há conversa em fala, há rebeldia, porque não só ele, mas os outros colegas não entendem (05)

O ser-com-o-outro – o mundo das relações – é ontologicamente compreendido como junto aos outros homens, é inerente à constituição fundamental da existência como ser-no-mundo. Isto significa dizer que o mundo, enquanto horizonte de sentido deve ser entendido sob o seguinte aspecto: as coisas nos vêm ao encontro numa rede de referências que lhes designa os significados, da mesma forma, os outros vêm ao nosso encontro a partir de um contexto específico de sentidos. No dizer de Heidegger (2002, p.172) “mesmo o estar só é ser-com, no

mundo. Somente “num” ser-com e “para” um ser-com é que o outro pode faltar. O estar só é um modo deficiente de ser-com”.

A vivência cotidiana dos docentes é permeada pelo ser-com-os-alunos, esse o seu mundo das relações. Contudo, essa con-vivência toma um direcionamento difícil, uma vez que, nesse processo, o professor se sente desrespeitado e invadido em sua condição de ser. Diante disso, o sofrimento psíquico instaura-se e as relações ficam comprometidas. Comprometimento esse que leva o professor a assumir uma postura funcional inautêntica e, assim, sofre pela incapacidade de não agir da forma que deseja e sente a angústia dessa situação, chegando a um estado de adoecimento existencial (FORGHIERI, 2004).

#### **c) A falta de apoio familiar**

O discurso dos participantes é pleno de significados. Contudo, o sentido mais atribuído nesta categoria é o que diz respeito a ausência dos pais no acompanhamento educacional de seus filhos. E este, é também um ponto gerador de sofrimento. Afinal, como fazer a criança sentir-se responsável e co-partícipe do processo se as figuras mais significativas de suas vidas não os acompanham? Como possibilitar o crescimento do aluno, se não recebo auxílio dos pais, da família? E nas falas surgem:

A solicitação de ajuda aos pais que é respondida negativamente e ainda são considerados responsáveis pela nota baixa:

Na maioria das vezes não ocorre, quando você mandar pedindo ajuda dos pais, eles dizem que não vão ajudar, que não tem tempo, não tem como fazer [...] Nas reuniões de entrega de notas eles estão presentes. Já outros

alunos que tem problemas você convoca e só vem o pai ou a mãe, e com isso passa informação para o pai que é separado. Fica joga para mãe, joga para o pai e o aluno continua na mesma, nada é resolvido. (02)

Quando o aluno tira nota baixa, mesmo que o aluno tenha feito bagunça, não tenha prestando atenção na aula, os pais não percebem isso. E, às vezes, é o comportamento do filho, então isso vem pra gente. A nota baixa que o aluno tira também é minha nota, vem pra gente (eu não consegui fazer o aluno entender) (03)

A “família ausente”, a origem do comportamento inadequado:

Olha o maior problema na verdade que nós temos, os alunos que nós dizemos que são alunos-problema são resultado dessa família que não acompanha [...] os alunos que mais apresentam problemas são aqueles que tem a família totalmente ausente, aquela família que tem um monte de dinheiro mas não tem nada de presença, o pai supre com dinheiro a falta dele dentro de casa. Então você vê um monte de alunos que ficam aprontando pra chamar a atenção da família de alguma forma, até pra eles serem visto como pessoa eles têm que fazer alguma coisa ruim pra alguém perceber e atende-los de alguma forma (04)

E o aluno considerado ‘problema’ age dessa forma pelo não acompanhamento familiar, de uma estrutura familiar que não educa:

Então, o estresse em sala de aula são as situações de educação doméstica. Você vê que o aluno tem sede de conhecimento. Ele mostra fazer com você o que ele faz com pai e a mãe, e eles não tomam nenhuma atitude de falar: *isso é errado, não pode*. Ai o aluno: “*epa*”! Se revolta e acaba não

aprendendo por pequenas coisas que um pai e uma mãe poderiam fazer [...] O grande erro é querer ser pai e mãe para dizer que é, não por ser, por assumir a posição de pai ou mãe. A questão toda de educação, né? O pilar da educação, vem da estrutura familiar, há eu posso ter um pai uma mãe separados, e ser um bom aluno, “pode”. (05)

Atente-se aqui ao que Heidegger (2002) pressupõe como os estados de humor, sendo possível através deles, compreender o *aí* (mundo) no qual cada um está situado: medo de um mundo ameaçador; mau humor em mundo que falaha; alegria em um mundo vibrante; angústia em um mundo inóspito e carente de sentido, revelando o cotidiano transitar de uma emoção para outra.

O estado de humor, como abertura para o mundo, revela o modo desse *ser-aí* nesse mundo: é nessa afetividade que está mais plenamente entregue a si mesmo como quem é de fato, e não pela idéia que tem do mundo. E um dos aspectos mais afetados por essa relação de não-apoio familiar, percebe-se que é o emocional. Morato (2013) ressalta que através da emoção, o eu situa-se no mundo, compreendendo tal situação, pois a apreensão do mundo dá-se através do modo pelo qual o eu nele se insere. Emoção, por emergir do mundo, não é algo interno, mas sim se apresenta através do próprio ser-no-mundo: a emoção refere-se a como se está no mundo em tal preciso momento.

Morato (2013) revela que se as emoções expressam a situação na qual o eu já está imerso, mostrando sua circunstância, considerar a emoção algo intrapsíquico de um sujeito, como pregam as teorias psicológicas, é algo a ponderar. Na constituição do *ser-ai*, o mundo fere o eu – impacta -, que, por sua vez, a ele se refere, respondendo na justa medida em que é ferido. Afetando

o eu, e percebe-se que esse não-apoio familiar acarreta sofrimento, principalmente pelo fato de os docentes sentirem-se responsabilizados pelos pais, produz um afetar grandioso na vida dessas pessoas, o mundo lhe é revelado nesse toque, implicando que o real só é real por ser experienciado de certa maneira, e não originariamente, modelado por conceito. Conforme pressupõe Almeida (2005, p. 182) “implacavelmente, há uma realidade que se abre por uma emoção e uma emoção que se esculpe numa realidade”, a moção abre o real, que, por sua vez, dispõe o eu em determinado estado de ânimo.

#### **d) A falta de apoio na escola**

Outra concepção de não apoio é o que o docente a seguir ressalta no que diz respeito às pressões que os gestores implementam, gerando desconforto:

E muito difícil mesmo, só entende quem ta aqui muitas vezes. A coordenação e a direção nos pressionam demais “só que assim eu acho” se que eles passassem um dia em sala de aula, eles nos iam dar razão [...] (02)

Considerando que, se o apoio dos gestores é vivido sob a forma do não-apoio ou da pressão sobre o docente, este fato faculto, certamente, o sofrimento. Mais uma vez percebe-se o comprometimento das relações, uma vez que esse docente é pleno de angústia, sensação de desprazer, de incapacidade, de solidão. A solidão que segundo Angerami-Camon (2007) propicia desalento falta de ânimo, sofrimento. Fato este que corrobora com as outras subcategorias acima elencadas.

#### **e) Interferências na vida familiar e na saúde: consequências**

Em virtude da série de fatores que propiciam o sofrimento nos participantes deste estudo, percebo nos discursos que o dia a dia no cotidiano do trabalho dos docentes, as consequências desse sofrimento psíquico acabam por provocar interferências na saúde e na vida familiar dos professores. E, isso se apresenta sob várias formas:

#### Levando trabalho para casa:

E assim quando você não se organiza o professor acaba levando coisas para casa, porque o tempo também são tantas coisas, você se programa para fazer uma coisa não deu, tem que entregar diário e avaliação, entrega de notas então é N coisas que você acaba levando para casa (01)

Interfere! E muito! Interfere porque dizer: (de novo a história de separar) “Não levo pra casa problemas da escola”. Você leva. Porque o ser humano não tem como separar. Você é ser humano e você tem os sentimentos, se você não está bem no trabalho com certeza esse problema se reflete na sua saúde e na sua família. Dizer que: ah não eu não vou levar nada daqui pra casa, você acaba explodindo, você explode ou no local de trabalho ou em casa, mas de qualquer forma ele vai refletir no seu ambiente familiar... (04)

#### Irritação:

Isso causa um pouco (pausa) não e bem irritação, mais eu me sinto presa por eu não pode desenvolver um trabalho da forma que eu gostaria incluir coisas novas no planejamento, porque se você incluir você esta tirando o tempo de trabalhar com aquele livro que praticamente já e pré- determinando [...] (02)

#### Estresse:

Interfere, porque o professor começa a ficar estressado. Só o fato de você solicitar silêncio, dura cinco minutos, e depois já tão conversando, né. O professor o tempo todo tem que ficar assim: *silêncio, pare de conversa, vira para frente*. Isso é estressante. Estressante para o aluno e estressante para o professor também. Então você tem que fazer o aluno entender [...] Ficar o tempo todo pedindo para o aluno prestar atenção é estressante e cansativo. Você fica falando aquele mesmo nome todos os dias. Parece assim, até os alunos já sabem quais são os nomes que você vai dizer e você acaba esquecendo outros alunos, porque você fica tão ligada naqueles alunos, tem que chama a atenção [...] Muito, porque, por exemplo, se eu não consigo corrigir na sala de aula (porque eu adoraria, por exemplo, corrigir exercícios na sala de aula) Assim, trazer o aluno até minha mesa e corrigir individualmente, eu não posso, né? Então, o que acontece, às vezes eu tenho que recolher o material, e esse material eu levo pra casa. Então, às vezes, um jantar que eu queria ir, às vezes, algum evento, até de ficar em casa, assistindo televisão, com a família, almoçando, eu não estou corrigindo, eu estou né, estudando, trabalhando, fazendo outras coisas, às vezes, em vez que ir pra casa, eu estou no colégio (03)

#### Auto-cuidado deficiente:

Interfere a questão da garganta que a maioria dos professores reclama. Eu só acho que você tem que se cuidar, se você está numa área toda profissão vai te trazer algum malefício à sua saúde, se você não se cuidar, você sabendo que pode vim a ter um problema na garganta! Interfere porque a carga horária de trabalho é grande (05)

A manifestação orgânica e relacional das consequências do trabalho que desenvolvem na escola fica explícito nos discursos. Percebo que levar o trabalho para casa, ficar sem tempo para si e seus familiares, mostrar-se irritado e conseqüentemente angustiado é, em realidade, não saber como lidar com as situações que se lhes apresentam cotidianamente.

Assim, segundo Forghieri (2004) vivenciam o cotidiano de modo preocupado. A preocupação é inerente ao homem como ser-no-mundo. Contudo, situações desagradáveis e repetitivas os levam a não conseguir ter um olhar de frente para a vida e para o mundo. Sentem-se sufocados, constrictos em seu viver, em seu ser. E, dessa forma, diante da constrição causada pelo trabalho, tornam sua ação inautêntica, posso cair na impessoalidade, no que Heidegger (2002) caracteriza como o “a gente”. Com o passar do tempo e a repetição desses comportamentos, adentram em um caminho sem saída, onde o se sentir sufocado, é uma das vivências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A vivência do cotidiano escolar é plena de situações diferenciadas. Nesta pesquisa fica explicitado que dois tipos de concepções: o prazer e o sofrimento no exercício do magistério em uma escola privada da cidade de Manaus.

No que concerne à vivência do prazer percebe-se que as falas nos trazem que o desenvolvimento do aluno é a meta, o objetivo a ser conseguido e, quando o mesmo é observado, a sensação de dever cumprido, de ter feito algo por esse aluno é vivenciado sob a forma do contentamento, de alegria

mesmo, por ter possibilitado, através de seu trabalho, com que este aluno pudesse aprender e, conseqüentemente, adquirir mais conhecimento.

O reconhecimento dos pais desses alunos também é algo que provoca o prazer em ser-docente.

Contudo, nos discursos a vivência que mais surge é a do sofrimento diante de situações adversas que dia após dia são vivenciadas pelos docentes. Assim, é desvelado nas falas que as várias pressões a que está submetido em seu cotidiano laboral, a indisciplina e agressividade dos alunos, a vivência do não apoio familiar e dos gestores culmina em conseqüências em sua vida familiar e na saúde orgânica.

Utilizar o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia propiciou des-velar o fenômeno ser-no-mundo-sendo docente em escola privada e permitiu perceber a dimensão da vivência, plena de facticidades, ora agradáveis, ora desagradáveis, sendo estas últimas as maiores causadoras de sofrimento no fazer profissional docente. Cumpre ressaltar que é necessária reflexão mais abrangente acerca das relações que se constroem e constituem no ambiente escolar no sentido de minimizar os efeitos deletérios da vivência no cotidiano escolar.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ABROMOVAY, M. (Coord). (2006). *Cotidiano das escolas: entre violências*. UNESCO, Observatório de violência, Ministério da Educação. Brasília.

AGUIAR, R. M. R. (2008) *Sofrimento psíquico de professores: Uma leitura psicanalítica do mal-estar na educação*. Dissertação, Brasília; Universidade Católica de Brasília, 120 p.

ALMEIDA, F. M. (2005). *Ser clínico como educador: uma leitura fenomenológica existencial de algumas temáticas na prática de profissionais de saúde e educação*. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia Universidade São Paulo.

ANTONY, S. (2010). *A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento* – São Paulo: Sameness.

FORGHIERI, Y. C. (2004). *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa*. São Paulo. Pioneira.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante - 9. ed. Petrópolis:Vozes, v.1, 2002.

JORGE, M.; KOWALSVKI, M. O. (2012) Professores e os conflitos na escola: a indiferença ou o enfrentamento. *Roteiro*. V. 33. Nº 2. Joaçaba, 2008.

Disponível em

<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/viewFile/330/79>

capturado em 04/03/2012

LEMOS, J. C. G. (2009). *Do encanto ao desencanto, da permanência ao abandono: O trabalho docente e a construção da identidade profissional*. Tese de doutorado em educação. Pontifca Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 180 p.



LYRA, G. F. D.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; OLIVEIRA, R. V. C.; PIRES, T. O. (2012) A relação entre professores com sofrimento psíquico e crianças escolares com problemas de comportamento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14 (2);435-444, 2009. Disponível em [http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232009000200012](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000200012) capturado em 04/03/2012 .

MORATO, H.T.P. Algumas considerações da Fenomenologia Existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições In: BARRETO, C.L.B.T.; MORATO, H.T.P.; CALDAS, M.T. *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*.- Curitiba : Juruá Editora, 2013, pp 52-76.

**Recebido:3-3-2013.**

**Aceito: 23-6-2013.**

**Contato:** ewertonhelder@gmail.com